



A VOZ DO OPERÁRIO



A Voz do Operário: um jornal com classe

Oito anos depois da formação do primeiro governo operário da história com a Comuna de Paris, as mulheres e os homens que defendiam os mesmos princípios e suavam em Lisboa por meia dúzia de tostões na indústria tabaqueira decidiram fazer este jornal. Em outubro, cumprem-se 140 anos desde que *A Voz do Operário* saiu às ruas pela primeira vez. Esta edição que marca o início das comemorações do aniversário da mais antiga publicação operária portuguesa em circulação reflete o orgulho das mulheres e dos homens que fazem atualmente parte do coletivo redatorial, num percurso de quase século e meio de história. Se são indiscutíveis os avanços conquistados pela luta de gerações e gerações de trabalhadores, também é certo que as razões que nortearam os fundadores d'*A Voz do Operário* se mantêm vigentes. Em 1879, quando decidiram que não podiam continuar a ver as suas reivindicações e a sua luta silenciadas pela imprensa alinhada com o poder económico e político da época, os operários tabaqueiros enfrentavam o mesmo défice democrático mediático que enfrentam, hoje, os trabalhadores portugueses.

Resistir em coletivo

Fiéis ao compromisso com os trabalhadores e os seus interesses, os diferentes jornalistas e colaboradores que carregaram em ombros o objetivo de conquistar a emancipação social dando voz aos operários através deste jornal assistiram às profundas transformações do panorama mediático no nosso país. Não é por acaso que é no dealbar das mais importantes revoluções do século XX que se dão os processos mais profundos de massificação e democratização dos meios de comunicação social. Nos anos posteriores à instauração da República, a imprensa operária multiplicou-se como reflexo da efervescência, da força social e da emancipação dos trabalhadores portugueses. E, a seguir à revolução que derrubou o fascismo, em 1974, para além do nascimen-

to de centenas de meios impressos, a nacionalização da banca e dos seguros, detentores dos principais meios de comunicação, traduziu-se na democratização das linhas editoriais de órgãos que durante meio século haviam estado amordaçados pela censura fascista. *A Voz do Operário* testemunhou o nascimento da rádio, da televisão e da internet e enfrentou múltiplos desafios que só foram superados graças ao compromisso de milhares de associados. Sendo o jornal operário mais antigo e o nono título de imprensa mais longevo dos que ainda resistem no nosso país, *A Voz do Operário* é a prova de que a fidelidade aos princípios fundacionais e a independência de grupos económicos e financeiros são eixos centrais da nossa existência.

É urgente democratizar os meios de comunicação

Desde que começou a recuperação capitalista com o processo contra-revolucionário que se desenrola há décadas para derrubar as conquistas da revolução de Abril, onde se inclui a entrada de Portugal na CEE, os grandes grupos económicos e financeiros trataram de pôr em causa a democratização dos meios de comunicação. Quando se comemoram 45 anos do 25 de Abril de 1974, importa recordar que logo após o 25 de Novembro do ano seguinte, mais de 150 trabalhadores da comunicação social foram saneados da RTP, Emissora Nacional, Diário de Notícias, Rádio Clube Português, O Século e ANOP, a percussora da Agência Lusa. Com a direita no poder, à privatização da esmagadora maioria dos órgãos sucedeu-se a extinção de dezenas de títulos de imprensa e a concentração de quase todos os meios nas mãos de uns poucos grupos económicos e financeiros. O contexto mediático atual, com as devidas diferenças, encontra semelhanças com o vivido pelos operários tabaqueiros que não conseguiam ver retratado na imprensa da época a sua realidade e as suas aspirações.

Hoje, com jornais, rádios e televisões absolutamente transfigurados e reféns das agências de comunicação que determinam boa parte da agenda mediática, cresce o perigo do fascismo. As notícias falsas não existem apenas nas redes sociais. Elas campeiam há anos nos órgãos de comunicação social. Quem não se recorda das mentiras que se fabricaram para justificar a invasão do Iraque? Quem pode omitir que determinados meios viraram trabalhadores do privado contra os do público para justificar a retirada de direitos?

É neste contexto que só a imprensa livre e democrática pode dar resposta ao recrudescimento do fascismo em todas as suas formas fazendo da verdade uma arma e dando voz às lutas de quem trabalha. Ou seja, a esmagadora maioria da população. *A Voz do Operário* faz parte dessa resistência e procura dar aos seus leitores a qualidade, a diversidade e a profundidade do retrato que fazemos de uma realidade cada vez mais exigente e complexa.

Ir onde outros não vão

O antídoto para a mentira é ir onde outros não vão. Não estando refém de grupos económicos e financeiros, *A Voz do Operário* dedica-se a retratar as realidades que habitualmente não têm espaço na maioria dos jornais. Artigos, reportagens, entrevistas e crónicas que retratam a vida de quem trabalha são a coluna vertebral desta publicação. Das lutas sindicais à atividade das coletividades, do desporto popular à cultura alternativa, das agressões racistas aos protestos contra as propinas, dos habitantes despejados à degradação dos transportes, das reivindicações das mulheres às lutas dos povos. Esta é a verdade a que temos direito e é este o jornalismo democrático que tem a obrigação de fazer a diferença.



Chegar mais longe, chegar a mais gente

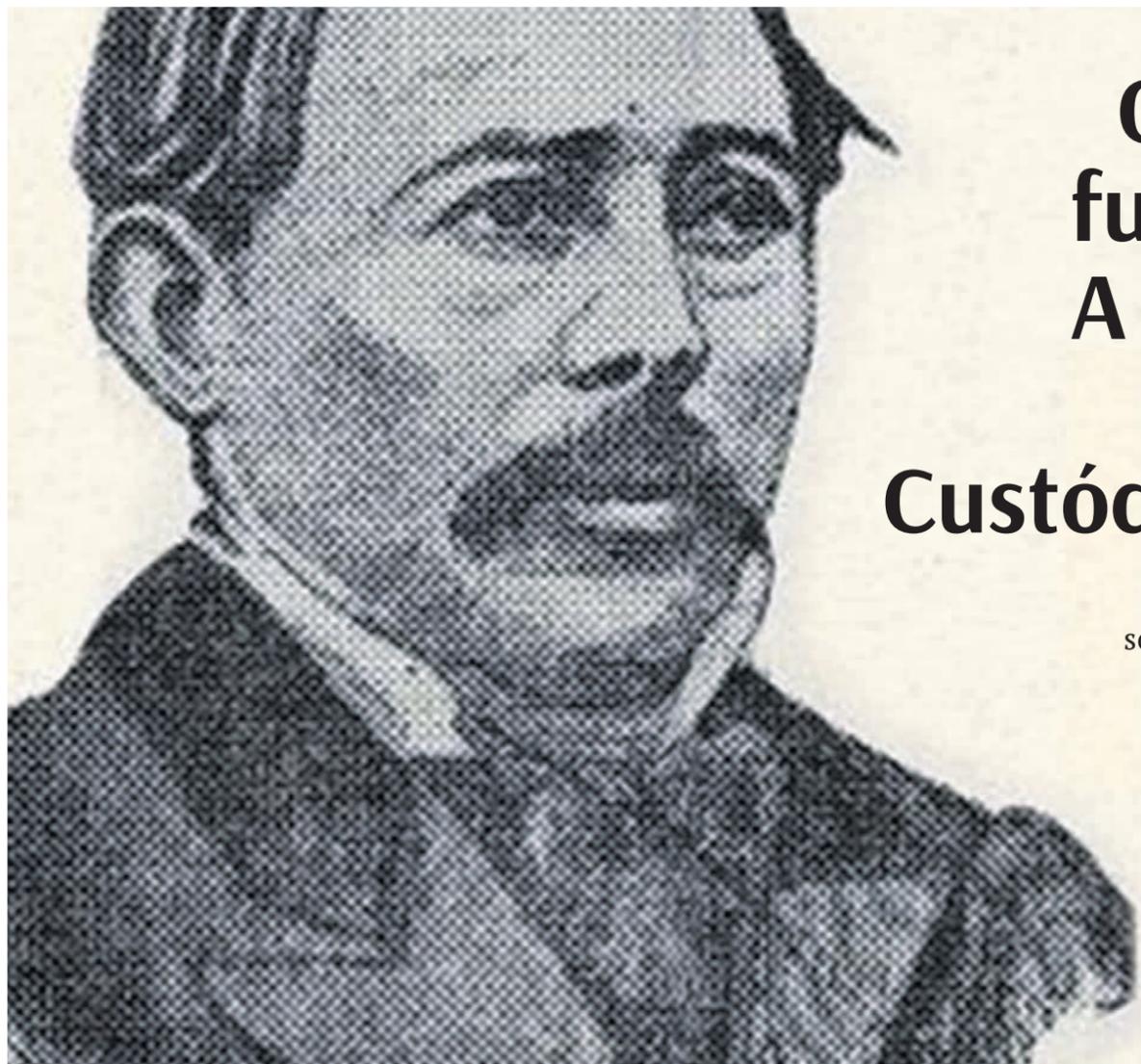
Abrir as páginas d'*A Voz do Operário* é um gesto repetido por muitos milhares há quase 140 anos. Atualmente, são muitos os que mensalmente recebem o jornal em casa em todo o país e são muitos os que o lêem nos diferentes espaços da instituição. Para além da edição digital, *A Voz do Operário* pretende que mais gente se junte a este projeto e caminhe connosco neste trilho iniciado em 1879. Subscrever este jornal não é apenas assinar uma publicação. É apoiar uma ferramenta cada vez mais necessária diante dos perigos que espreitam e é ajudar-nos a sustentar um projeto que deve ter como principal fonte de financiamento os trabalhadores a quem damos voz.

A Voz do Operário com página na internet

Com orgulho no seu passado e com os pés bem assentes no chão do presente, *A Voz do Operário* prepara-se para lançar a sua edição mensal também na internet. Com o objetivo de fazer chegar mais longe os seus conteúdos, o jornal passará a estar disponível em: www.vozoperario.pt/jornal

Comemoração dos 140 anos do jornal *A Voz do Operário*

A Voz do Operário vai assinalar o seu aniversário de diferentes formas procurando sempre fazer chegar mais longe o projeto iniciado em 1879. Neste mês, para além do lançamento da primeira edição comemorativa com a ilustração de Tiago Albuquerque, o jornal salta para internet com uma página que vai tornar mais acessível os conteúdos que mensalmente produzimos. Em abril, mês da revolução, o aniversário d'*A Voz* vai ser mote para um debate sob o lema *Independência ao serviço de quem?* com o objetivo de discutir a imprensa alternativa nos dias de hoje. Uma exposição itinerante vai percorrer vários espaços de Lisboa e da área metropolitana durante os meses de setembro e outubro para dar a conhecer o percurso histórico do jornal. Sendo outubro o mês do aniversário d'*A Voz do Operário*, estão programadas duas grandes iniciativas. Para 11 de outubro, dia em que cumpre 140 anos, está marcado um concerto com vários artistas na sede, em Lisboa. Também para o mesmo mês, o jornal prepara uma conferência que possa aprofundar a reflexão sobre o jornalismo nos nossos dias. Imprensa sindical, controlo mediático dos grandes grupos económicos e financeiros, meios alternativos e as questões éticas e deontológicas vão ser alguns dos temas em cima da mesa.



Os operários que fundaram o jornal A Voz do Operário - o exemplo de Custódio Braz Pacheco

Quem entra pela porta principal na sede da sociedade A Voz do Operário passa por um busto. Representa um simples operário da indústria tabaqueira do século XIX, de seu nome Custódio Braz Pacheco. É um exemplo do grupo social que deu origem a este jornal. Mas, para além dos dados biográficos elementares (nasceu em 1828, em Vila Nova de Milfontes; faleceu em 1883, em Lisboa)... quem foi este homem? Qual era o seu pensamento?

Luis Carvalho
Investigador

I

Segundo um inquérito de 1881, trabalhavam na indústria tabaqueira em Portugal perto de 4 mil pessoas (64% em Lisboa, 32% no Porto e 4% nos Açores). Seria o 4.º maior sector industrial do país em número de trabalhadores, depois do têxtil, da construção civil e da metalurgia.

Grande parte desta mão de obra era constituída por mulheres. O dito inquérito de 1881 não distinguiu o número de mulheres em todas as fábricas, mas naquelas em que o fez a percentagem é de 56%. Um novo inquérito em 1887 veio contabilizar que as mulheres já representavam 72% do pessoal.

O trabalho infantil era uma realidade: cerca de 6% da mão de obra tinha entre 12 e 16 anos de idade. E havia alguns (0,5%) ainda mais novos (segundo dados oficiais de 1887).

Um estudo do economista Armando Castro sublinha que à época o sector dos tabacos “ocuparia o primeiro lugar na indústria portuguesa, pelo que se refere ao valor da sua produção global, e certamente proporcionaria uma alta taxa de lucro.”

Mas as operárias e os operários que produziam essa riqueza não beneficiavam dela. O professor Costa Goodfim dizia mesmo que eram a parte mais “desgraçada” da classe trabalhadora, a par dos mineiros. Para além dos baixos salários, sofriam com péssimas condições de trabalho (falta de espaço, de higiene, de ventilação, de proteção contra fumos tóxicos...) que faziam da tuberculose uma doença principal.

Cedo marcaram presença nas lutas laborais. Segundo informação enviada pelo socialista português José Nobre França a Friederich Engels, em 1872 os operários tabaqueiros representariam 30% dos trabalhadores organizados em Lisboa na Associação Fraternidade Operária. O historiador Carlos da Fonseca contabilizou o número de greves em Portugal no período entre 1852 e 1910. Os operários tabaqueiros surgem aí como o 6º sector mais combativo, atrás dos sectores têxtil, corticeiro, conserveiro, gráfico e chapeleiro.

Uma contradição fundamental é de assinalar: estes operários excluía expressamente as suas colegas mulheres da estrutura sindical: era só para homens mesmo quando as mulheres já eram a maioria da classe. E isto apesar da importante participação feminina registada em greves. Para além da cultura machista da época, pesaria a política patronal de substituir homens por mulheres com salários mais baixos.

II

Foi neste contexto que Custódio Braz Pacheco se destacou.

Quando ele faleceu, a *Voz do Operário* fez este relato: “ainda o princípio associativo não estava desenvolvido, limitando-se este a poucas associações de socorro mútuo, quando ainda em geral os operários, [estavam] educados com os prejuízos antigos, quando alguns julgavam indispensável, pela sua pouca ilustração, os castigos [corporais] que nos estabelecimentos fabris se aplicavam às crianças, onde as palmatoadas se davam às dúzias e se praticavam outras brutalidades repugnantes, Custódio Braz Pacheco ergue-se no meio da ignorância geral – com poucas excepções – dirige a palavra aos seus companheiros, faz-lhes ver as conveniências da

associação [...], anima-os e consegue vê-los agremiados. Este facto só, bastava, de certo, para glorificar o nome Custódio Braz Pacheco. [...] Nas lutas suscitadas entre a classe dos manipuladores do tabaco e os industriais [...] os serviços por ele prestados foram imensos. Não poucas vezes perante os ministros de estado Custódio Braz Pacheco representou dignamente a classe”.

Angelina Vidal testemunhou a sua modéstia e espírito de sacrifício: “Custódio Braz Pacheco não admitia interesse pessoal em face das necessidades coletivas; assim tivemos muitas vezes a honra de estarmos a seu lado em sessões que tinham por alvo a defesa do operariado contra os cruéis exploradores [...] e vimo-lo sempre pronto a prejudicar-se [...] conquanto ganhasse uma polegada de direitos a sua classe”.

III

Nos artigos que Custódio Braz Pacheco publicou neste jornal não se encontra uma adesão às doutrinas socialistas. Foi um destacado precursor do sindicalismo em Portugal, certamente. Tinha uma clara compreensão da necessidade de os trabalhadores se organizarem e lutarem coletivamente como caminho para a melhoria das suas condições de trabalho e de vida. Denunciava a injustiça social. Mas não manifestava a concepção de uma alternativa ao poder político e à propriedade dos meios de produção de uma sociedade capitalista. Em termos ideológicos, poderá ser considerado como um democrata republicano. O que no seu tempo já fazia dele um homem de ideias avançadas.

Entre o grupo de operários tabaqueiros que fundaram o jornal *A Voz do Operário* em 1879, lá esteve Custódio Braz Pacheco como o primeiro redator principal.